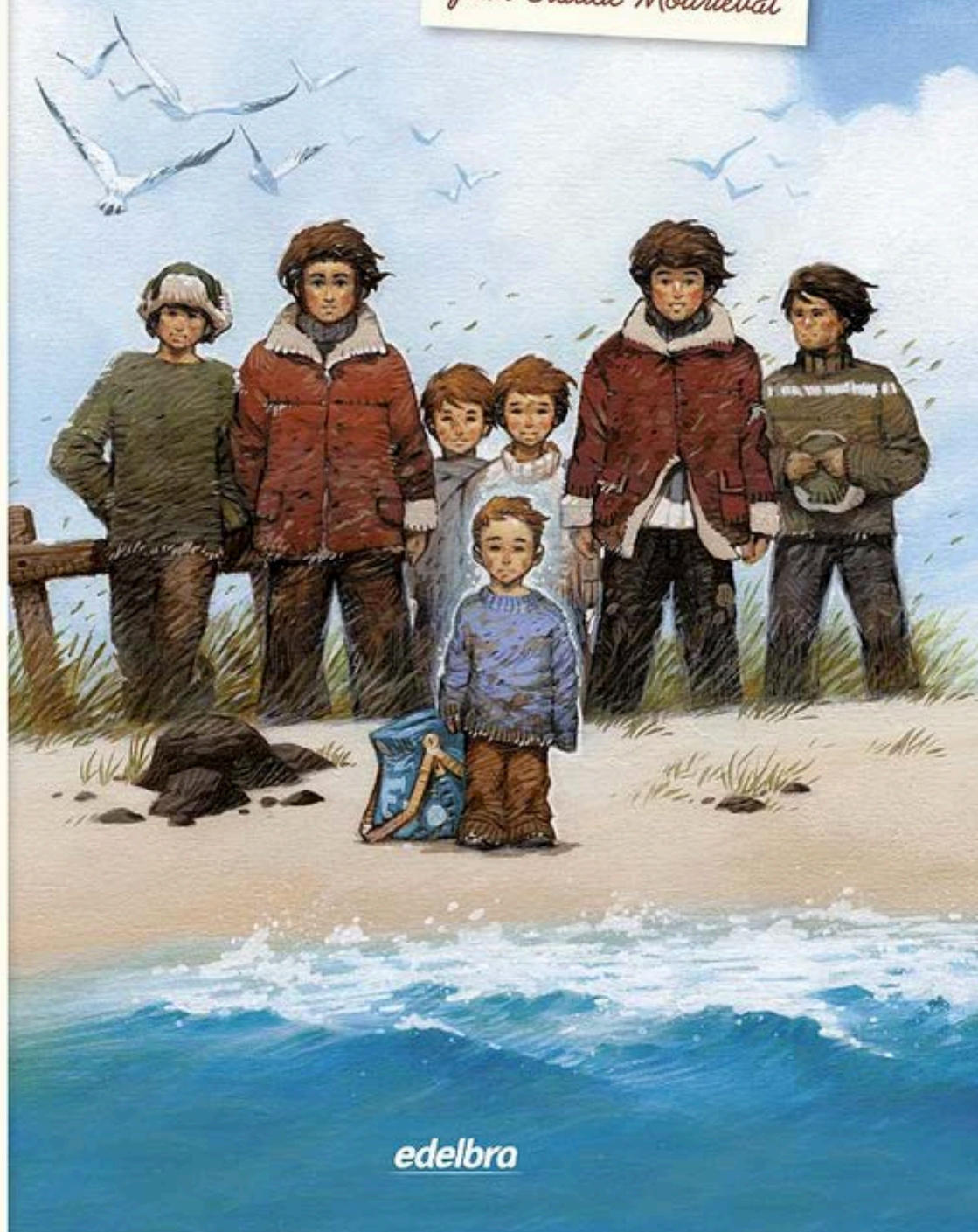


Menino Oceano

Jean-Claude Mourlevat



edelbro

© *Menino Oceano*

Jean-Claude Mourlevat

edelbra

Do original **L'enfant Océan**, de Jean-Claude Mourlevat
Copyright © 1999 by Editions Pocket Jeunesse,
département d'Univers Poche – Paris, France

Copyright © 2012 Edelbra
1ª edição, 1ª impressão

Ilustração da capa: Jean Noël Rochut
Design: Laura Guidali Amaral

Tradução: Luciano Machado
Revisão: Press Revisão / Renato Deitos

ISBN 978-85-360-1156-1
(Edição original ISBN 978-2-266-20322-7)

M931m Mourlevat, Jean-Claude
O Menino oceano / Jean-Claude Mourlevat ; tradução, Luciano Machado.
– Erechim: Edelbra, 2012.
136 p. ; 16 x 23 cm.

Tradução de: L'enfant Océan.
ISBN 978-85-360-1156-1

1. Literatura infantojuvenil. I. Machado, Luciano, tradutor. II. Título.

CDU 087.5

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

Edelbra
www.edelbra.com.br
Central de Atendimento:
51 2118 4404 | 54 3520 5000
cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

EDELBRA

Para Emma

Primeira Parte

*O mais novo era muito delicado
e não dizia uma palavra.*

O Pequeno Polegar, Charles Perrault.

EDELBRA

I

Relato de Nathalie Josse, trinta e dois anos, assistente social

Sou uma das últimas pessoas que viram Yann Doutreleau. Bom, é o que imagino. Ele estava postado ao meu lado em meu carro. E o termo é esse mesmo, “postado”, não sentado. As pernas, muito curtas, estavam completamente estendidas no banco, viradas para frente, duras como pau, os dois pés apontando para o porta-luvas. O cinto de segurança flutuava em volta de seu peito. Eu poderia tê-lo colocado no banquinho para bebês na parte de trás, mas não ousei fazer isso. Ele dava a impressão de ser uma boneca grande. Foi em novembro passado. Você se lembra daquela semana chuvosa que tivemos no começo do mês? Aquele tempo horrível? Chovia a cântaros, e fui eu que o levei à sua casa naquela manhã. Depois disso, nunca mais o vi.

Meus limpadores de para-brisa eram tão eficientes quanto baquetas de tambor, e eu seguia a trinta quilômetros por hora, não mais que isso, pela rodovia estadual. Se soubesse que era a última vez, eu o teria observado com mais atenção. Agora é tarde demais.

Parece que o vejo, no fundo do banco, o corpo duro, retorcendo as mãos, aquelas mãozinhas vermelhas e rechonchudas, mãos de bebê. Como é que se podia vestir uma criança daquele jeito, a não ser para humilhá-la? Ele parecia ter vindo de outra época, com o casaco abotoado no meio, a calça de pano cinza. Roupas grosseiras. Sinto um aperto na garganta quando lembro daquilo.

Eu nunca tinha visto uma figurinha daquela. Qual seria a sua altura? Oitenta, noventa centímetros? Seja como for, sua estatura era a de uma criança de dois anos. Ora, ele tinha dez. Yann era uma miniatura.

“Anjinho”, “pequerrucho”, “nenê”, “pedacinho de gente” – era o que se tinha vontade de lhe dizer, mas aquela expressão de adulto em volta dos olhos e da boca, aquela seriedade não permitiam isso. Ele não tinha nenhuma deformidade do tipo que se vê nos anões. Nele, tudo era harmonioso, mas tudo era... pequeno.

E a chuvarada caindo. Rajadas de vento. O mapa estendido de qualquer jeito em meus joelhos. Não devíamos estar muito longe. Algumas centenas de metros, talvez.

Quem sabe eu tinha errado o caminho, passado por ele, sem o ver. Debaixo daquele aguaceiro, tudo era possível. Dei meia-volta e me concentrei. O mais chato é que Yann, ao meu lado, sabia muito bem o caminho. Só que não se dispunha a cooperar. No começo, eu lhe perguntava:

– É por ali? À direita ou à esquerda? Se você não quer falar, pelo menos me mostre... Com o dedo...

Era como perguntar ao meu guarda-chuva.

Eu sabia muito pouco sobre meu pequeno passageiro, que tinha dez anos, que se chamava Yann e que não falava. Ele chegou na sala da sexta série de manhã, aparvalhado e sem a pasta escolar. Tentaram questionar seus irmãos, mas eles também não eram de falar muito. Um deles terminou por explicar, fungando para aspirar um filete de catarro de uns dez centímetros.

– Foi o pai que tacou ela n'água.

Tradução: o pai tinha jogado a pasta no poço ou numa poça, enfim, em algum lugar com água.

Eu já tinha visto muita maluquice em minha profissão de doido, mas aquilo era novidade. Observei o menino disfarçadamente, os sapatos grosseiros com as solas soltas, a calça puída, o suéter marrom mais comprido que as mangas muito curtas do casaco. Senti um aperto na garganta. Eu ia lhe dar um tapinha no joelho e dizer: “Não se preocupe, tudo vai se arranjar” quando, à nossa direita, surgiu

o caminho, indicado por uma tabuletinha meio escondida entre os espinheiros: Casa de Perrault.

Parei o carro na entrada do pátio e esperei antes de descer. A chuva caía com mais força ainda.

– É aqui?

Sem levantar a vista, o menino fez um pequeno movimento de cabeça. Era lá.

O sítio era feio e sujo. Havia uma pilha enorme de sucata no pátio. Urtigas cresciam no meio dela. Um grande cachorro magro latia à entrada de um galpão de telhado desmantelado.

Os Doutreleau eram muito conhecidos no colégio. O pai tinha um sítio. Yann era o sétimo filho. Os outros seis eram todos gêmeos. Nasceram aos pares. Os dois mais velhos tinham quatorze anos; os do meio, treze; os mais novos, onze. Todo ano, ou quase, em setembro, os professores da sexta série viam chegar mais uma remessa de Doutreleau. Ou de Doutreleaux, com x, porque dava vontade de pôr o sobrenome deles no plural. Todos eram altos para sua idade, mas magros, sem dúvida, subnutridos. E sem gosto pelos estudos.

Yann chegou por último, sozinho. Como um ponto final encerrando uma frase.

O cachorro latia cada vez mais alto sob o galpão. Uma porta se abriu um pouco adiante, e uma mulher se postou na soleira. Avental sujo, braço estendido ao longo do corpo, segurando uma frigideira.

– É sua mãe?

Silêncio. Saí do carro, abri minha sombrinha e ajudei Yann a descer. Patinamos juntos no pátio, avançando em direção à silhueta imóvel. A lama nos chegava até os tornozelos.

– Bom dia, eu me chamo Nathalie Josse, sou assistente social. Eu gostaria...

O cachorro veio sorrateiro para trás de mim, com certeza esperando o melhor momento para me arrancar um pedaço da barriga da perna. Instintivamente, segurei a mão do menino que andava ao meu lado, cabeça baixa, e estremei: aquela mão minúscula era calosa feito a de um lenhador ou de um pedreiro.

A mulher da soleira não se deu ao trabalho de calar o cachorro nem de vir ao nosso encontro. Tampouco parecia surpresa em ver o filho chegar fora da hora normal, acompanhado de uma desconhecida. Não. Ela nos olhava com um olhar vazio, um olho de peixe, esperando o que viria em seguida.

– Você é a Sra. Doutreleau? Eu me chamo Nathalie...

– O que é que ele fez?

O tom era seco, carregado de ameaças.

– Ele não fez nada. Eu só queria...

A frigideira voou de sua mão, roçou meu ombro e bateu em cheio na cabeça do cachorro, que foi se esconder atrás da casa soltando ganidos de dar pena.

– O que é que você quer, então?

– Bem, eu trouxe Yann porque esta manhã ele chegou ao colégio sem a pasta e parecia não estar muito bem. Será que posso falar disso com a senhora?

– Tem de falar com o pai.

Apesar da sombrinha, a chuva derramava-se pelas nossas cabeças, escorria pelo meu rosto, gelava-me os ombros. Insisti, e a mulher repetiu.

– Tem de falar com o pai.

Como a mulher não arredava pé um milímetro, ocupava todo o vão da porta e, principalmente, me lançava aquele olhar duríssimo, percebi que nunca me deixaria entrar. Ao terceiro “Tem de falar com o pai”, desisti.

– E quando vou poder falar com ele?

– Amanhã.

– De manhã?

Em vez de me responder, ela se dirigiu ao menino, pela primeira vez:

– Você, já para dentro!

Ele soltou minha mão e se enfiou no pequeno espaço entre sua mãe e a porta. Antes, porém, de desaparecer, fez uma coisa estranha, que não imaginei ser possível. Ele não se voltou, simplesmente girou a cabeça em minha direção, imobilizou-se e me olhou por cima do ombro. Aquilo não levou mais de três segundos. Mas essa imagem se fixou em minha mente, ficou gravada com mais nitidez do que qualquer fotografia. Desde então, revejo o tempo todo aquele rosto, enfim, erguido para o meu, aqueles olhos fitando os meus diretamente. Tive a sensação perturbadora de ler neles com tanta clareza como se ele tivesse falado. Mas ele não dizia nada, não se mexia. A princípio, vi naquilo uma censura:

– *Muito bem, você fez um belo trabalho!*

Logo em seguida, porém, um agradecimento:

– *Você foi legal comigo, e, além do mais, você não podia saber.*

Tento me convencer de que foi só aquilo, mas sei muito bem que não é verdade e que seus olhos diziam outra coisa. Gritavam outra coisa. E o que eles gritavam era: *SOCORRO!*

Eu não entendi ou não quis entender. Disse comigo mesma que depois se via isso, que se tratava de coisas que podiam ser deixadas para o dia seguinte. Mas não houve dia seguinte.

Em uma noite de tempestade, o pequeno Yann
acorda seus seis irmãos. Avisa que devem fugir, ou
algo muito ruim pode acontecer. Sem titubear, eles
o seguem na escuridão chuvosa. Começa, assim,
uma marcante odisséia rumo ao oceano e uma
inesquecível história de fraternidade.

Nesta reinterpretação moderna do clássico *O Pequeno
Polegar*, de Charles Perrault, Jean-Claude Mourlevat,
finalista do Prêmio Hans Christian Andersen em
2012, constrói uma empolgante narrativa a partir
dos relatos das testemunhas dessa jornada.

edelbra

ISBN 978-85-360-1156-1



9 788536 011561